

Ano 9, Vol XVIII, Número 2, Jul-Dez, 2016, Pág. 57-81

## O ALUNO UNIVERSITÁRIO E A PESSOA COM NECESSIDADES ESPECIAIS: PERCEÇÕES SOBRE A PRÁTICA DE VOLUNTARIADO

### COLLEGE STUDENTS AND PEOPLE WITH SPECIAL NEEDS: PERCEPTIONS ABOUT VOLUNTEERING PRACTICE

Luz Lourenço, Ester Câmara, Lia Luís, & Ana P. Antunes

(Universidade da Madeira)

**Resumo:** O ensino superior deve proporcionar aos estudantes o desenvolvimento de competências profissionais e o desenvolvimento de competências transversais, ambas valorizadas pelo atual mercado de trabalho. O voluntariado afigura-se como uma prática potenciadora do desenvolvimento destas competências, pelo que algumas universidades têm incentivado os seus alunos a uma participação social mais ativa em áreas diversas. Neste trabalho procuramos perceber a importância da prática de voluntariado no ensino superior para a formação profissional, desenvolvimento pessoal e atitude dos alunos face à pessoa com necessidades especiais. Participaram no estudo 2 estudantes universitários (1 homem e 1 mulher), voluntários numa associação dedicada às perturbações do desenvolvimento. Os dados foram recolhidos através de entrevista semiestruturada e organizados com recurso a análise de conteúdo. Os resultados sugerem que a prática de voluntariado representa ganhos para o voluntário e para a população com necessidades especiais, bem como coloca desafios associados ao desempenho. Além disso, revelam a presença de motivação intrínseca e extrínseca para o início e continuação dessa atividade e traduzem o potencial desta prática na promoção da inclusão. Estes dados são discutidos e apresentam-se algumas considerações que podem servir como ponto de partida para investigações futuras.

**Palavras-chave:** Voluntariado; aluno universitário; ensino superior; necessidades especiais; inclusão

**Abstract:** Higher education must provide opportunities for students not only to develop professional skills but also soft skills, both valued by the current labor market. As voluntary work seems to facilitate the development of these skills, some universities have encouraged their students to have a more active social participation in several areas. In this paper we analyse the importance of voluntary work in higher education for professional training, personal development and the attitude of students towards people with special needs. The participants were 2 college students (1 man and 1 woman),

volunteers at an association focused on developmental disorders. The data were collected through semi-structured interviews and were organized using content analysis. The results suggest that voluntary work denotes gains for the volunteer and for people with special needs, and also challenges the performance of the volunteer. In addition, the results reveal the presence of intrinsic and extrinsic motivation for the beginning and for the continuity of volunteering, and they reveal the potential of this social practice in the promotion of inclusion. These data are discussed and are presented some reflections that can be considered in future studies.

**Keywords:** Volunteering; college student; higher education; special needs; inclusion

## **Introdução**

A necessidade de desenvolver uma consciência de valores partilhados e de fundar uma Europa mais universal e abrangente a nível intelectual, cultural, social, científico e tecnológico implicou um conjunto de transformações no Ensino Superior com o objetivo de criar um espaço europeu de educação superior (Declaração de Bolonha, 1999). Este espaço permite também um reconhecimento mais ágil das qualificações de modo a facilitar a mobilidade dos diplomados nos Estados membros e implica uma maior competitividade, o que exige aos indivíduos que ingressam no mercado de trabalho mais preparação e melhores qualificações e competências (Moreno, 2005).

As mudanças introduzidas pelo processo de Bolonha colocaram o estudante como figura central na construção das suas aprendizagens e exigem o desenvolvimento, ao longo da formação superior, de um conjunto de competências transversais que estabeleçam a ligação entre o conhecimento técnico e a prática profissional (Pereira & Rodrigues, 2013). Estas competências transversais envolvem atitudes, capacidades e habilidades (e.g., trabalho em equipa e cooperação, relacionamento interpessoal e comunicação, flexibilidade e adaptabilidade), as quais contribuem para o desempenho

eficaz do indivíduo em diversas situações laborais, sendo transferíveis a outros contextos (Moreno, 2006).

O ensino superior, em Portugal, tem como missão o ensino e reprodução dos saberes (i.e., formação ao nível dos vários ciclos de estudo), a produção de conhecimento e de inovação (i.e., investigação) e a extensão e prestação de serviços (i.e., disponibilização de serviços à comunidade), evidenciando como é imprescindível a relação entre a universidade e a sociedade (Estanque & Nunes, 2003). E, nos últimos anos, tem-se assistido ao estabelecimento dessa relação, sobretudo no que se refere às relações com o mercado de trabalho e as instituições do Estado. Porém, alguns estabelecimentos de ensino superior portugueses também procuram incentivar os seus estudantes à participação civil (e.g., através da criação de programas de voluntariado), tendo em conta que este tipo de atividade extracurricular se enquadra na missão universitária e parece potenciar o desenvolvimento das competências transversais preconizadas por Bolonha e valorizadas pelo mercado de trabalho (Rocha, Gonçalves, & Vieira, 2012).

O voluntariado caracteriza-se como uma atividade de cariz social que acarreta benefícios, tanto para os próprios atores como para a população com a qual interagem, constituindo uma forma de participação dos indivíduos na vida cívica, mediante a prestação de serviços a uma organização, sem gratificação monetária nem obrigatoriedade (Ferreira, Proença, & Proença, 2008; Vitorino, 2014).

Relativamente à organização do voluntariado em Portugal, o Decreto-Lei n.º 71/98 de 3 de novembro, especificamente, o artigo 2º, define o voluntariado como o conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço

dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas.

O voluntariado tem sido uma prática que se tem destacado nas áreas da cultura, educação, saúde e exclusão social, sendo que, Portugal, em 1999, apresentou os valores mais baixos de práticas de voluntariado (na reedição do Estudo Europeu dos Valores de 1990) e, conseqüentemente, ficou situado na última posição no *ranking* dos países europeus (Delicado, 2002). No entanto, mais recentemente, têm emergido novas áreas de intervenção, nomeadamente, ao nível do desporto, do ambiente, do consumo sustentável, da intergeracionalidade, do combate ao racismo e às desigualdades de género (Centro de Estudos Sociais, 2013). Nesse sentido, Ortiz (2013), a partir dos contributos de García Roca (2005) e de Estanque (2009), refere áreas como: O desenvolvimento da comunidade, a cooperação com países subdesenvolvidos, o apoio a imigrantes e minorias étnicas, a luta pela paz e pela igualdade de oportunidades ou práticas de democracia participativa, sendo que, estas áreas, além de traduzirem novas formas de motivação para o trabalho solidário também originam novas formas associativas.

No que se refere às motivações inerentes à prática do voluntariado, encontramos na literatura, de uma forma genérica, a referência a motivação intrínseca e a motivação extrínseca, dependendo dos benefícios esperados com a prática do voluntariado (Clary, Snyder, Ridge, Miene, & Haugen, 1994). Por um lado, ao nível da motivação intrínseca podemos encontrar motivações como: Valores, experiência pessoal, autoestima, crescimento pessoal, proteção, interesse pessoal, autoconhecimento, percepção de bem-estar, evolução pessoal, pertença a um grupo e altruísmo. Por outro lado, ao nível da motivação extrínseca encontram-se fatores motivacionais relacionadas com: Carreira,

social, questões curriculares, empregabilidade, abertura com a comunidade, benefícios materiais, colocar conceitos teóricos em prática e, por fim, oportunidades laborais (Gage & Thapa, 2012; Heitor & Veiga, 2012; Reis, 2013; Switzer, Switzer, Stukas, & Baker, 1999; Thiel, 2012).

O voluntariado afirma-se como uma forma de alargar horizontes e facilita a criação de redes de interajuda para com populações desfavorecidas, assumindo-se também como uma via de combate às desigualdades existentes na sociedade atual (Centro de Estudos Sociais, 2013). Neste âmbito, desempenha também um papel importante na promoção da inclusão social da pessoa com necessidades especiais não só em termos de auxílio a ultrapassar obstáculos como a desconstruir ideias pré-concebidas relativamente às pessoas com necessidades educativas especiais (NEE), que o contacto estabelecido permite, sentindo-se os voluntários mais confortáveis e menos apreensivos face a esta população (Miller et al., 2002). Os programas de voluntariado parecem ser importantes para potenciar melhorias ao nível das competências sociais e do autoconceito geral e social na pessoa com necessidades especiais (Morales, Fernández, Infante, Trianes, & Cerezo, 2009), bem como promove efeitos positivos ao nível da responsabilidade e crenças de autoeficácia (Miller et al., 2004). Estes dados evidenciam o contributo a uma mudança de atitude face à população com necessidades especiais, que poderá ser alcançada através de formação, promovendo o aumento do conhecimento sobre as necessidades específicas destes indivíduos, mas sobretudo através do contacto direto entre pessoas com e sem necessidades especiais (Cook & Semmel, 1999; Maras & Brown, 2000).

Os estudantes universitários têm sido incentivados a participar em atividades sociais e, como tal, surgem as práticas de voluntariado (Ortiz, 2013). Estas atividades

contribuem para a evolução dos estudantes numa outra vertente, paralela à estritamente académica: A vertente prática, de contacto com a comunidade, constituindo importantes comportamentos de cidadania. Assim, o voluntariado em contexto universitário representa uma importante ferramenta de desenvolvimento de competências pessoais que assume a função de vetor de interação entre este contexto e a comunidade em geral (Ortiz, 2013). E, nesse sentido, também ao nível da inclusão das pessoas com necessidades especiais se pode ponderar o serviço de voluntariado. A ilustrar esse facto, o *Program for University Supports for People with Autism Spectrum Disorders*, recorrendo a voluntários universitários para desenvolver um conjunto de atividades de lazer para crianças e adolescentes com distúrbios do espectro do autismo, parece ter tido um impacto positivo nos voluntários em termos de desenvolvimento pessoal e de competências (e.g., competências sociais e de comunicação), de desenvolvimento de carreira (e.g., aquisição de experiência na sua área de formação profissional) e na sua perceção de contributo social. Referem-se, igualmente, ganhos para as crianças e adolescentes, sobretudo ao nível do desenvolvimento pessoal e aquisição de competências (e.g., habilidades de vida diária, interação social, motivação para atividades ao ar livre), tendo-se observado uma melhoria na sua capacidade para participar de forma ativa expressando mais facilmente as suas escolhas e preferências (Nieto et al., 2015).

Também a participação de estudantes universitários, como voluntários nos V Jogos Olímpicos Especiais da República Popular da China, contactando diretamente com os indivíduos com dificuldades intelectuais, durante a semana em que decorreram as atividades de voluntariado, parece ter permitido uma mudança de atitude positiva nos voluntários em relação à inclusão das pessoas com necessidades especiais (Li & Wang,

2013). Esta mudança na visão do voluntário parece estar associada ao desenvolvimento de um maior conforto no relacionamento com os indivíduos com necessidades especiais, proporcionado pela aprendizagem de formas de resposta mais adequadas às suas necessidades, que diminui a distância social e aumenta a probabilidade de interação futura com esta população (Fichten, Schipper, & Cutler, 2005).

Nesta lógica de participação social, verifica-se que as universidades portuguesas não parecem indiferentes às problemáticas vividas na comunidade, sendo que em algumas se tem procurado que os estudantes assumam um papel importante em termos de solidariedade e apoio ao próximo, beneficiando eles próprios em termos da aquisição de aprendizagens sociais (Ortiz, 2013). Mais concretamente podemos referir como exemplo:

a) a Universidade Católica Portuguesa, que desenvolve o programa “*Católica Activa*”, promovendo formação e um leque de instituições para realização do voluntariado

([http://www2.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl\\_srv.asp?sspageID=1007&lang=1](http://www2.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_srv.asp?sspageID=1007&lang=1));

b) a Universidade de Lisboa, que na faculdade de Ciências tem um programa de voluntariado que visa o apoio dos alunos universitários com necessidades especiais (<https://ciencias.ulisboa.pt/pt/programa-de-voluntariado-da-fcul>), registando-se o mesmo objetivo no programa de voluntariado da Faculdade de Letras, além de estímulo ao Voluntariado Europeu, ações de formação e a criação de uma bolsa de voluntariado (<http://www.letras.ulisboa.pt/pt/estudantes/alunos/voluntariado>); além disso a Faculdade de Medicina foi desenvolvendo o projeto “*Faculdade de Ajudar*”, incentivando a participação dos estudantes em iniciativas diversas (<https://sites.google.com/a/campus.ul.pt/faculdade-de-ajudar/>) e na Faculdade de

Psicologia encontra-se referênciada ao projeto de voluntariado “*Núcleo de Promoção do Voluntariado*”, apresentando possibilidades de prática de voluntariado em diferentes instituições da comunidade (<http://www.psicologia.ulisboa.pt/nucleo-promocao-voluntariado>); e

c) a Universidade do Porto, que além da criação de programas de voluntariado dirigidas aos estudantes também criou a Comissão de Voluntariado da Universidade do Porto para um melhor enquadramento e articulação das ações a realizar ([https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=voluntariado](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=voluntariado)).

A partir da revisão efetuada definimos como objetivos deste trabalho perceber o significado da prática de voluntariado para o estudante universitário, através do impacto na sua formação e desenvolvimento pessoal, bem como na sua atitude perante a pessoa com necessidades especiais.

## **Metodologia**

Este estudo foi realizado adotando uma metodologia qualitativa, definindo como questão geral de investigação: O que significa para o estudante universitário fazer voluntariado?; e como questões mais específicas: a) Qual a importância do voluntariado para a formação e desenvolvimento do voluntário? e b) Qual a importância do voluntariado na atitude face à pessoa com NEE?.

## *Participantes*

Este estudo contou com a participação de dois estudantes que satisfaziam os critérios definidos: ser aluno do ensino superior e ser voluntário junto de população com NEE. O participante 1 (P1) tinha 21 anos, era mulher, licenciada em Economia e

frequentava, aquando a realização do estudo, unidades curriculares para completar a licenciatura em Gestão. Nos seus tempos livres, praticava desporto, nomeadamente, andebol, futebol e voleibol, tendo sido no passado atleta federada em andebol. Relativamente à sua experiência como voluntária, esta tinha começado há um ano numa associação de apoio a pessoas com NEE e tentava fazer voluntariado todos os sábados em terapia aquática. A escolha da associação esteve relacionada com o facto de ter um primo com Síndrome de Asperger e uma prima que fazia voluntariado na mesma associação.

O participante 2 (P2), tinha 23 anos, era homem, licenciado em Psicologia e frequentava, aquando a realização do estudo, o mestrado em Psicologia da Educação. Nos seus tempos livres, praticava *kickboxing*, *jogging* e, ocasionalmente, futebol. A sua dedicação ao voluntariado datava de há sensivelmente um ano, com uma frequência semanal, especificamente, todas as manhãs de sábado. Teve conhecimento da associação através do seu estabelecimento de ensino e, posteriormente, um conhecido que lá fazia voluntariado incentivou-o a escolher essa associação (a mesma de P1) e, desde então, permanecia afiliado à mesma.

### *Instrumento*

Para recolha de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada, com o objetivo de identificar padrões e temas, na perspetiva destes voluntários, relativamente ao seu voluntariado, sendo que este tipo de entrevista possui um carácter flexível que possibilita ao entrevistador adaptar-se às respostas, ambiente e contexto do entrevistado (Fernandez-Ballesteros, 2003; Manzini, 2004). As questões da entrevista foram formuladas tendo em conta a literatura existente na área, bem como alguns guiões de

entrevistas utilizados em estudos previamente realizados sobre o tema do voluntariado e das NEE (e.g., Campos, 2012; Franco, 2013; Santos, 2013).

Assim sendo, a entrevista foi organizada em quatro domínios: a) Caracterização do voluntário (e.g., área de formação?); b) experiência de voluntariado (e.g., há quanto tempo fazes voluntariado?); c) percepção de dificuldades e desafios do voluntariado junto de pessoas com NEE (e.g., que aspetos positivos destacas no trabalho com estas pessoas?); e d) percepção do impacto do voluntariado na vida do voluntário (e.g., de que forma a tua experiência no voluntariado influencia a tua formação académica?).

### *Procedimentos*

Foi estabelecido contacto com os sujeitos que cumpriam os critérios necessários à investigação, explicitando os objetivos do estudo. Atendendo a que ambos mostraram interesse e disponibilidade para participar no estudo, as entrevistas foram marcadas e realizadas individualmente, tendo uma duração de aproximadamente 30 minutos cada. Na realização das entrevistas assegurou-se o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, tendo-se obtido o consentimento informado dos mesmos e a autorização de gravação da entrevista para fins de transcrição.

As entrevistas foram transcritas de forma integral e sujeitas à análise de conteúdo, sendo que as categorias e subcategorias emergiram, mediante a realização de múltiplas leituras, interpretação e classificação dos dados obtidos (Bardin, 2008). Numa primeira fase, efetuou-se individualmente uma análise de conteúdo e, posteriormente, procedeu-se à comparação das categorias e subcategorias identificadas entre os investigadores e, mediante consenso, foram estabelecidas aquelas que melhor descreviam o discurso dos participantes.

## Resultados e Discussão

No que diz respeito às percepções dos participantes sobre o voluntariado nas necessidades especiais, emergiram três grandes categorias: Uma primeira relativa à *Experiência de voluntariado*, que remete para os significados atribuídos pelos voluntários à sua experiência nesta associação; uma segunda referente às *Motivações para o voluntariado*, que diz respeito à decisão de iniciar e continuar o voluntariado; e uma terceira relativa às *Atitudes face à pessoa com necessidades especiais*, que remete para as crenças, sentimentos e comportamentos dos voluntários quanto aos indivíduos com NEE (Tabela 1).

Tabela 1. *Categorias e subcategorias emergentes das entrevistas*

Categorias	Subcategorias
Experiência de voluntariado	Ganhos
	Para o voluntário
	Para as crianças com NEE
	Desafios
Motivações para o voluntariado	Associados à formação
	Associados às NEE
	Para iniciação
	Intrínsecos
	Extrínsecos
	Para continuidade
Atitude face à pessoa com necessidades especiais	Intrínsecos
	Extrínsecos
	Expectativa negativa
	Promoção da inclusão

Relativamente à categoria *Experiência de voluntariado*, verifica-se que as percepções dos voluntários podem ser agrupadas em percepções de *ganhos* (i.e., benefícios decorrentes da experiência de voluntariado) e percepções de *desafios* (i.e., necessidade de

reformular crenças/comportamentos pelos voluntários). No que se refere às percepções de *ganhos*, exemplificamos duas subcategorias: *Ganhos para o voluntário* “[...]teve um papel significativo porque ajudou-me a adotar uma perspectiva, digamos, mais aberta [...]” (P2) e *ganhos para as crianças com NEE* “[...] ao nível das relações que vamos estabelecendo com aquelas crianças, nós conseguimos ver que realmente conseguimos ajudá-las [...]” (P2). Em relação às percepções de *desafios*, referimos duas subcategorias, nomeadamente: *Desafios associados à formação* “[...] quando eu cheguei lá sentia-me um pedacinho assim fora, deslocada, porque não tem nada a ver com o meu curso[...]” (P1) e *desafios específicos associados às NEE* “[...]ultrapassar alguma barreira pessoal que nós possamos ter [...]” (P2).

No que se refere à importância para a formação e desenvolvimento do aluno universitário, destacam-se ganhos pessoais e nas crianças com necessidades especiais. Estes ganhos mencionados vão ao encontro de alguma literatura existente, onde se refere que o voluntariado promove nos voluntários o aumento da autoestima (Primavera, 1999; Reis, 2013; Thiel, 2012), do autoconceito (Hamilton & Fenzel, 1988; Heitor & Veiga, 2012; Primavera, 1999), da sensação de utilidade do voluntário (Thiel, 2012) através do conhecimento de que o seu trabalho ajuda outros indivíduos, o aumento da sensação de propósito de vida (Dávila & Díaz-Morales, 2009; Weinstein, Xie, & Cleanthous, 1995) e do sentido de responsabilidade social (Hamilton & Fenzel, 1988; Johnson, Beebe, Mortimer, & Snyder, 1998; Primavera, 1999; Thiel, 2012). Além disso, no estudo realizado por Reis (2013), foi possível verificar que os voluntários universitários se apresentam com uma postura mais confiante, facto que parece estar diretamente relacionado com a satisfação sentida na prática do voluntariado (Hamilton & Fenzel, 1988; Thiel, 2012). Quanto à percepção de ganhos para as crianças com

necessidades especiais Miller e colaboradores (2002) evidenciaram essa eficácia mais especificamente pois, na avaliação de um programa de voluntariado, verificaram que entre os ganhos para os indivíduos com NEE se encontrava o desenvolvimento de habilidades e o aumento da comunicação verbal e da interação social, fruto da relação estabelecida com os voluntários.

O desafio sentido pelos participantes ao contactarem com uma população com características específicas que exige o desenvolvimento de uma resposta adaptada às suas necessidades, o que envolve, por vezes, a necessidade de formação, traduz o que outros voluntários foram manifestando noutros contextos. A revisão realizada por Ferreira e colaboradores (2008) indica que a experiência de voluntariado tem impacto na aprendizagem, enriquecimento pessoal e alargamento de horizontes do voluntário, tal como foi descrito também por Thiel (2012), que refere que os ganhos para o voluntário podem ser percebidos ao nível dos conhecimentos adquiridos que são, frequentemente, encarados como necessários.

Assim, os desafios sentidos, neste contexto específico, relacionam-se, sobretudo, com o confronto com a dificuldade em comunicar e promover o desenvolvimento de competências nas crianças que não se expressam verbalmente, o que poderá dificultar a compreensão das suas necessidades e desafia o voluntário a desenvolver estratégias específicas para lidar com a individualidade destas crianças. Ainda, nota-se que poderá constituir um desafio a falta de conhecimentos específicos na área de intervenção, embora os mesmos possam ser colmatados com formações promovidas pelas associações. A formação revela-se um fator crucial pois, por vezes, os indivíduos sem necessidades especiais apresentam algumas ideias pré-concebidas relativamente aos indivíduos com necessidades especiais que, através do contacto frequente, vão sendo

desconstruídas (Miller et al., 2002). Ainda, os mesmos autores referem que os indivíduos sem necessidades especiais integrados em programas de voluntariado adotam, frequentemente, estratégias para contornar as dificuldades sentidas perante as particularidades da população com que intervêm. Neste sentido, realçamos que, tratando-se de estudantes universitários voluntários, este processo de procura de estratégias é compatível com os pressupostos introduzidos por Bolonha no Ensino Superior, sendo que é possível observar o indivíduo como figura central na construção das suas aprendizagens, através do desenvolvimento de competências transversais, sobretudo ao nível do relacionamento interpessoal e comunicação (Moreno, 2006; Pereira & Rodrigues, 2013).

No que concerne à categoria *Motivações para o voluntariado*, nota-se que as perceções dos voluntários podem ser agrupadas em motivos *para iniciação* da prática do voluntariado (i.e., razões pelas quais começaram a fazer voluntariado) e motivos *para continuidade* na prática do voluntariado (i.e., razões pelas quais continuam a trabalhar como voluntários). Relativamente aos motivos *para iniciação* da prática do voluntariado, salientam-se duas subcategorias, nomeadamente: *Intrínsecos* “[...]acho que nos ajuda a crescer como pessoas [...]” (P1) e *extrínsecos* “[...]tenho um primo que é Asperger [...]” (P1). Em relação aos motivos *para continuidade* na prática do voluntariado, evidenciam-se duas subcategorias, nomeadamente: *Intrínsecos* “[...] saio de lá contente [...]” (P1) e *extrínsecos* “[...]dar a conhecer estas perturbações do desenvolvimento, nomeadamente, do autismo, à comunidade, aos próprios pais destas crianças [...]” (P2).

Relativamente às motivações para o exercício do voluntariado existem motivos *intrínsecos*, que os participantes revelam nas suas falas que se relacionam com o

crescimento pessoal e altruísmo, bem como experiência de sentimentos positivos, motivação para os estudos, e *extrínsecos*, reportando-se para a existência de familiares com necessidades especiais e a socialização familiar para o voluntariado, bem como a sensibilização social para a importância do voluntariado nas necessidades especiais e a promoção da inclusão. O discurso dos participantes sobre as razões para o voluntariado é congruente com as razões elencadas noutros estudos: A motivação altruísta e ideológica (Dávila & Díaz-Morales, 2009; Ferreira et al., 2008; Gage & Thapa, 2012; Heitor & Veiga, 2012; Reis, 2013; Switzer et al., 1999), o desenvolvimento pessoal (Ferreira et al., 2008; Martins, 2011) e a experiência de estados psicológicos mais positivos (Ferreira et al., 2008; Reis, 2013). Queremos destacar, no que se refere aos motivos *extrínsecos*, a importância da socialização familiar para o voluntariado, encontrada no discurso dos participantes, à semelhança dos resultados encontrados por Delicado (2002), que evidenciam este fator como uma das principais motivações para os indivíduos iniciarem a prática do voluntariado.

Percebe-se, igualmente, o sentido de responsabilidade social que motiva ao contributo para a justiça social, sendo que os participantes também referem como razão para continuar o voluntariado a vontade de sensibilizar para a problemática, de modo a promover a inclusão da pessoa com necessidades especiais (Ferreira et al., 2008; Martins, 2011). Importa-lhes também a aquisição de conhecimentos e a prática de novas competências, as quais parecem ser importantes incentivos na procura de experiências de voluntariado (Dávila & Díaz-Morales, 2009; Ferreira et al., 2008; Gage & Thapa, 2012; Heitor & Veiga, 2012; Reis, 2013; Switzer et al., 1999).

Quanto à categoria *Atitudes face à pessoa com necessidades especiais*, parece que as percepções dos voluntários se caracterizam por um lado, por uma certa *expectativa*

*negativa* “[...] eu acho que, principalmente para grande parte daquelas crianças, o futuro é bastante difícil porque a maioria das empresas não quer pessoas com esse tipo de deficiências [...]” (P1) e, por outro lado, por acreditarem na *promoção da inclusão* “[...] acho que cada vez mais nós temos que dizer à sociedade: Sim, eles são diferentes mas eles também conseguem fazer as coisas e talvez conseguem melhor do que nós [...]” (P1).

A importância do voluntariado para a mudança de atitude face à pessoa com necessidades especiais evidencia-se, no discurso dos participantes, ao referirem o desconstruir preconceitos com o intuito de promover a inclusão da pessoa com necessidades especiais. Esta percepção vai no sentido dos relatos de Miller e colaboradores (2002) e Thiel (2012) que constataram que os indivíduos sem necessidades especiais podem possuir, no início do contacto com populações com necessidades especiais, algumas crenças erróneas que são, posteriormente, desconstruídas, tornando-os mais confortáveis perante as características dos indivíduos com necessidades especiais, levando-os a considerar o seu potencial em detrimento das suas incapacidades. Ou ainda, Hamilton e Fennel (1988) quando referem que o voluntariado promove mudanças de atitude e aumenta o sentido de responsabilidade social do indivíduo.

Ao longo da entrevista os participantes destacam o papel das associações na promoção da inclusão, dando como exemplo a associação onde fazem voluntariado, que organiza um conjunto de atividades que reúnem crianças com e sem necessidades especiais, de modo a possibilitar esta tipologia de interação social desde a infância. Este é um desafio que está patente na legislação que regula as NEE e que se traduz na

necessidade de sensibilizar a sociedade para a inclusão, promover práticas mais inclusivas e dar a conhecer as potencialidades destes indivíduos (Rodrigues, 2014).

### **Considerações Finais**

Este trabalho, ainda que exploratório, permite-nos referir que o voluntariado parece desempenhar um papel importante na desconstrução de preconceitos relativamente à pessoa com necessidades especiais e na promoção da inclusão, sendo que permite aos voluntários perceber que os indivíduos com necessidades especiais, para além de dificuldades apresentam, igualmente, potencialidades. Além disso, o voluntariado parece promover o desenvolvimento do voluntário, tanto ao nível do crescimento pessoal, como na aquisição de competências diversas, pelo que fica evidente a pertinência de fomentar o voluntariado no ensino superior, como, aliás, já vem acontecendo em algumas universidades portuguesas.

O voluntariado também pode favorecer o desenvolvimento de competências sociais, comunicacionais e motoras nos indivíduos com necessidades especiais, percecionando os voluntários o seu trabalho como útil e promotor do bem-estar e evolução positiva das pessoas com quem trabalham, facto que corrobora e permite alertar para a necessidade do voluntariado em associações ao serviço desta população. Ainda, associado a este aspeto, consideramos que o conhecimento das razões conducentes ao voluntariado poderá ser importante para as instituições que recebem voluntários, pois poderão proporcionar um maior ajuste entre as suas motivações e as necessidades institucionais, conseguindo-se, conseqüentemente, uma maior satisfação com a atividade de ambas as partes.

Este trabalho explorou a percepção de dois estudantes universitários, permitindo conhecer e compreender o significado da prática de voluntariado para os mesmos, mas os resultados não podem ser generalizados a outros sujeitos. Assim, sugerimos que, em estudos futuros, se recorra a voluntários provenientes de outras instituições, para uma compreensão mais profunda desta realidade no contexto português, sendo que alguns estudos referem o impacto significativo do voluntariado para a pessoa com necessidades especiais (Miller et al., 2002; Miller et al., 2004; Morales et al., 2009; Nieto et al., 2015).

Uma outra limitação que podemos apontar prende-se com a entrevista utilizada que, em estudos futuros, poderá ser aplicada em maior profundidade explorando mais detalhadamente os sentimentos e pensamentos do voluntário quer em relação à sua prestação atual quer em relação aos seus valores e expectativas de futuro.

Por último, parece-nos que este trabalho permitiu a reflexão e constitui uma base para estudos futuros nesta temática, pois acreditamos que o capital humano também é desenvolvido através de práticas inclusivas na sociedade.

### **Referências Bibliográficas**

Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo* (4ª ed.). Lisboa: Edições 70.

Campos, A. P. M. (2012). *A inclusão de crianças com NEE em turmas do ensino regular: Percepção de docentes, encarregados de educação e representantes do conselho executivo* (Tese de Mestrado). Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, Portugal. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2561>

Centro de Estudos Sociais (2013). Voluntariado em Portugal: Contextos, atores e práticas. Évora: Fundação Eugénio de Almeida. Disponível em [http://fundacaoeugeniodealmeida.pt/rtvoluntariado/ficheiros/ESTUDO\\_VOLUNTARIADO.pdf](http://fundacaoeugeniodealmeida.pt/rtvoluntariado/ficheiros/ESTUDO_VOLUNTARIADO.pdf)

Clary, E., Snyder, M., Ridge, R., Miene, P., & Haugen, J. (1994). Matching messages to motives in persuasion: A functional approach to promoting volunteerism. *Journal of Applied Social Psychology, 24*, 1129-1149. doi: 10.1111/j.1559-1816.1994.tb01548.x

Cook B. G. & Semmel M. I. (1999). Peer acceptance of included students with disabilities as a function of severity of disability and classroom composition. *Journal of Special Education, 33*(1), 50-61. doi: 10.1177/002246699903300105

Dávila, M. C., & Díaz-Morales, J. F. (2009). Age and motives for volunteering: Further evidence. *Europe's Journal of Psychology, 5*(2), 82-95. doi: 10.5964/ejop.v5i2.268

Declaração de Bolonha. (1999). *Declaração conjunta dos ministros da educação europeus*, assinada em Bolonha a 19 de junho de 1999. Disponível em [http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/03F66B88-FB08-41E2-8532-982517E8538B/380/Declaracao\\_Bolonha\\_portugues1.pdf](http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/03F66B88-FB08-41E2-8532-982517E8538B/380/Declaracao_Bolonha_portugues1.pdf)

Delicado, A. (2002). Caracterização do voluntariado social em Portugal. *Intervenção Social, (25/26)*, 127-140. Disponível em <http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/is/article/view/1043>

Estanque, E. (2009). Trabalho, desigualdades e sindicalismo em Portugal. In A. Buiza, & E. Perez (Ed.), *Relaciones Laborales Transfronterizas, Portugal-España* (pp. 127-150). Valladolid / Granada: Instituto de Estudios Europeos.

- Estanque, E., & Nunes, J. A. (2003). Dilemas e desafios da Universidade: Recomposição social e expectativas dos estudantes na Universidade de Coimbra. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, 5-44. Disponível em <https://rccs.revues.org/1139?lang=en>
- Fernandez-Ballesteros, R. (2003). *Encyclopedia of psychological assessment*. London: Sage Publications.
- Ferreira, M., Proença, T., & Proença, J. F. (2008). As motivações no trabalho voluntário. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 7(3), 43-53.
- Fichten, C. S., Schipper, F., & Cutler, N. (2005). Does volunteering with children affect attitudes toward adults with disabilities? A prospective study of unequal contact. *Rehabilitation Psychology*, 50(2), 164-173. doi: 10.1037/0090-5550.50.2.164
- Franco, M. M. S. S. (2013). *Transição para o 1º ciclo: Percepções de pais e profissionais sobre o processo de transição de crianças com Necessidades Educativas Especiais* (Tese de Mestrado). ISPA, Lisboa, Portugal. Disponível em <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2791>
- Gage, R. L., & Thapa, B. (2012). Volunteer motivations and constraints among college students analysis of the volunteer function inventory and leisure constraints models. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 41(3), 405-430. Disponível em <http://nvs.sagepub.com/content/41/3/405.short>
- García Roca, J. (Novembro, 2005). *Acción voluntaria y participación social. Conferência apresentada nas VII Jornadas de Voluntariado*, Dirección General de Servicios Sociales del Gobierno de Canarias, Santa Cruz de Tenerife.
- Hamilton, S. F., & Fenzel, L. M. (1988). The impact of volunteer experience on adolescent social development: Evidence of program effects. *Journal of*

*Adolescent Research*, 3(1), 65-80. Disponível em  
<http://digitalcommons.unomaha.edu/slcek12/7/>

Heitor, F., & Veiga, S. (2012). Voluntariado no Ensino Superior: Oportunidades para a mudança no desenvolvimento psicológico (Eds.). *Atas do II Congresso Nacional da RESAPES-AP* (pp. 348-360). Porto: Instituto Superior de Contabilidade e de Administração do Porto. Disponível em  
<https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/1980>

Johnson, M. K., Beebe, T., Mortimer, J. T., & Snyder, M. (1998). Volunteerism in adolescence: A process perspective [Abstract]. *Journal of Research on Adolescence*, 8(3), 309-322. Disponível em  
[http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1207/s15327795jra0803\\_2?needAccess=true](http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1207/s15327795jra0803_2?needAccess=true)

Li, C., & Wang, C. K. J. (2013). Effect of exposure to Special Olympic Games on attitudes of volunteers towards inclusion of people with intellectual disabilities. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 2(6), 515-521. doi: 10.1111/jar.12053

Manzini, E. (2004). Entrevista semiestruturada: Análise de objetivos e roteiros. *Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos*, 2, 58-59.

Maras P. & Brown R. (2000). Effects of different forms of school contact on children's attitudes toward disabled and non-disabled peers. *British Journal of Educational Psychology*, 70(3), 337-351. doi: 10.1348/000709900158164

Martins, L. M. M. (2011). *Sociedade voluntária: motivação e características em 2011* (Tese de Mestrado). Universidade de Aveiro, Portugal.

- Miller, K. D., Schleien, S. J., Kraft, H. C., Bodo-Lehman, D., Fisoli, A. M., Strack, R. W. (2004). Teaming up for inclusive volunteering: A case study of a volunteer program for youth with and without disabilities. *Leisure/Loisir*, 28(1), 115-136. doi: 10.1080/14927713.2003.9649942
- Miller, K., Schleien, S., Rider, C., Hall, C., Roche, M., & Worsley, J. (2002). Inclusive volunteering: Benefits to participants and community. *Therapeutic Recreation Journal*, 36(3), 247-259. Disponível em <http://search.proquest.com/openview/ac57fcc3bb965dc9b53a6ce4cb10de2c/1?q-origsite=gscholar>
- Morales, F. M., Fernández, F. J., Infante, L., Trianes, M. V., & Cerezo, M. T. (2009). Eficacia de una intervención para incrementar apoyo social en adolescentes discapacitados motores a partir del voluntariado de estudiantes de educación secundaria. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 41(1), 139-148. Disponível em <http://www.redalyc.org/pdf/805/80511492011.pdf>
- Moreno, M. L. R. (2005). Las demandas sociales y mercado laboral ante la integración europea del conocimiento universitario. *Cuadernos de Integración Europea*, 2, 54-68. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/28104374>
- Moreno, M. L. R. (2006). *Evaluación, balance y formación de competencias laborales transversales: Propuestas para mejorar la calidad en la formación profesional y en el mundo del trabajo*. Barcelona: Laertes Educación.
- Nieto, C., Murillo, E., Belinchón, M., Giménez, A., Saldaña, D., Martínez, M. Á., & Frontera, M. (2015). Supporting people with Autism Spectrum Disorders in leisure time: Impact of an University Volunteer Program, and related factors. *Anales de Psicología*, 31(1), 145-154. doi: 10.6018/analesps.31.1.166591

- Ortiz, A. Y. (2013). *Creencias moticionales e actitudes frente al voluntariado: Un estudio com jóvenes universitários en Portugal* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade de Lisboa, Portugal. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/9805>
- Pereira, L. A., & Rodrigues, A. C. (2013). Competências transversais dos recém-diplomados do ensino superior no mercado global. Comunicação proferida na *IV Conferência Investigação e Intervenção em Recursos Humanos – Os Novos Contextos da Gestão de Recursos Humanos*. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.22/7555>
- Primavera, J. (1999). The unintended consequences of volunteerism: Positive outcomes for those who serve. In Ferrari, J. R. & Chapman, J. G., *Educating students to make a difference: Community-based service learning* (Eds.), pp. 125-140. Londres: The Haworth Press, Inc. Disponível em [https://www.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=QS8iAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA125&ots=M8l-ZvH\\_VW&sig=IsakeVI3LzByPsnAZhwbqVq65wE](https://www.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=QS8iAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA125&ots=M8l-ZvH_VW&sig=IsakeVI3LzByPsnAZhwbqVq65wE)
- Reis, S. L. P. (2013). *Funções motivacionais e personalidade em universitários voluntários* (Tese de Mestrado). Universidade de Aveiro, Portugal.
- Rocha, J., Gonçalves, C., & Vieira, D. A. (2012). Competências Transversais: Perceção de estudantes do 1º ano do ensino superior. In D. A. Vieira, A. Ferreira, C. Fernandes, I. Magalhães, I. Ardions, S. Pinto, & A. Pereira (Ed.), *Apoio psicológico no ensino superior: Um olhar sobre o futuro*. (pp. 196-206). Porto: Instituto Superior de Contabilidade e de Administração do Porto. Disponível em

[http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/5673/1/2012\\_Rocha\\_Goncalves\\_Vieira\\_cap\\_RESAPES.pdf](http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/5673/1/2012_Rocha_Goncalves_Vieira_cap_RESAPES.pdf)

Rodrigues, A. P. A. (2014). *A participação de alunos com necessidades educativas especiais nas atividades de sala de aula: O que pensam e o que dizem fazer os professores dos 2º e 3º ciclos do ensino básico* (Tese de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, Portugal.

Santos, D. M. P. (2013). *Necessidades Educativas Especiais na sala de aula: Opiniões e perspectivas de um grupo de professores do 3º ciclo e do secundário de uma escola de Lisboa* (Tese de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia, Lisboa, Portugal. Disponível em <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5146>

Switzer, C. L., Switzer, G. E., Stukas, A. A., & Baker, C. E. (1999). Medical student motivations to volunteer: Gender differences and comparisons to other volunteers. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 18(1-2), 53-64. doi: 10.1300/J005v18n01\_05

Thiel, R. (2012). *Jovens universitários em projetos de voluntariado socioeducativo: Perfil, motivações, impactos* (Dissertação de Pós-Graduação). Universidade de Brasília, Brasil. Disponível em <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/712/1/Renato%20Thiel.pdf>

Vitorino, A. I. M. (2014). *Caracterização do voluntariado em cuidados paliativos em Portugal* (Tese de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa, Portugal.

Weinstein, L., Xie, X., & Cleanthous, C. C. (1995). Purpose in life, boredom, and volunteerism in a group of retirees. *Psychological Reports*, 76(2), 482. doi: 10.2466/pr0.1995.76.2.482



**Recebido em 6/9/2016. Aceito 6/12/2016.**

**Nota curricular e contacto das autoras**

**Luz Lourenço**

Aluna do 2º ciclo em Psicologia da Educação, na Universidade da Madeira, Portugal.

**Ester Câmara**

Aluna do 2º ciclo, em Psicologia da Educação na Universidade da Madeira, Portugal.

**Lia Luís**

Aluna do 2º ciclo, em Psicologia da Educação na Universidade da Madeira, Portugal.

**Ana P. Antunes**

Professora Auxiliar, na Universidade da Madeira, Portugal.

**Endereço para correspondência:**

**Ana P. Antunes**

Universidade da Madeira, Faculdade de Artes e Humanidades, Campus Universitário da  
Penteada, 9020-105, Funchal, Portugal

**Endereço eletrónico:** [aantunes@uma.pt](mailto:aantunes@uma.pt)